

Seja feita a nossa vontade, assim na terra como no céu...

Geraldo Araújo<sup>1</sup>  
Dezembro/2015

Há algum tempo uma frase da oração Pai Nosso vem insistentemente me levando à reflexão: “[...] Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu [...]”. Quem dentro de nós está rezando (ou orando)? Esse alguém que a recita – muitas vezes, efusivamente, em alto e bom tom – tem a exata noção da necessidade de subserviência ao referido Pai que esse parágrafo reforça? Acredito que a resposta a essa duas questões seja simplesmente “Não sei”.

A minha percepção é de não termos a noção da profundidade dessa invocação. Posso correr o risco de leviandade em afirmar que, na maioria das vezes que a pronunciamos, estamos tão distantes do sentido que, na nossa fantasia e desejo inconscientes, caberia um complemento velado: “[...] desde que em conformidade com a minha vontade”.

Percebo algumas características do nosso mundo ocidental, o qual é regido pelo mito Cristão, como sintomáticas com relação à falta do sentido de submissão ao “Pai” (*Self*, Si-mesmo, *Imago Dei*, imagem de Deus – para a psicologia Junguiana, neste contexto).

Uma delas diz respeito à “ditadura das certezas”. Para todas as questões, queremos uma resposta – preferencialmente única e para ontem –, não deixando qualquer dúvida que venha provocar uma retirada à (incômoda) reflexão. As respostas, invariavelmente massificadas, vão retroalimentando uma forma de viver sem profundidade, onde a dúvida necessária, geradora do questionamento íntimo produtivo, foi exilada (lembrei-me do filme “Amor por Contrato”). Quem tem tanta certeza, não precisa se submeter ao “Pai” – ele se julga o “Pai”. O “será?” abre espaço para o vazio fértil, o qual fecunda a desconstrução imprescindível, parindo as infinitas respostas da alma. Enquanto as respostas coletivas nos afastam do mergulho em busca de um sentido maior, a dúvida abre o portal para o mistério, para a magia do mundo interno, para a noite escura da alma.

Outra peculiaridade que pode ser consequente da “ditadura das certezas” é a apologia a um *Ego* heroico, cujas características atendem – ou buscam incessantemente atender – aos preceitos do sucesso, progresso, felicidade etc., valores obrigatórios que balizam nossa sociedade. Esse *Ego*, que se vê como um Deus, possui suas respostas (únicas e imediatas), atendendo às demandas que aplaudem a esse estereótipo. Como essas respostas o elevaram a uma situação dita diferenciada para esses padrões, essas mesmas respostas passam a ser “referenciais de mercado” e a vida passa a ser consumida por meio de manuais de certezas. Esse sujeito inflado que nos habita, como tem todas as respostas certas, não admite o erro e a imperfeição, mas essa unilateralidade escancara no mundo os “defeitos de produção” – intolerância, corrupção, violência – que são particularidades não condizentes com um referencial de heroísmo, portanto pertencem aos (são projetados nos) outros. Nós necessitamos de *Ego* heroico em nossa vida,

---

<sup>1</sup> Psicoterapeuta Junguiano – Graduação: Economia; e Formação Pedagógica (FEA). Pós-graduação: Administração (UFSM); MBA Controller (USP); Psicologia Junguiana (Facis); e Dependências, Abusos e Compulsões (Ijep). E-mail: [geraldobalbuena64@gmail.com](mailto:geraldobalbuena64@gmail.com); [www.temenos.com.br](http://www.temenos.com.br)

mas não em toda ela e nem em todos os momentos. Enquanto o *Ego* heroico busca a perfeição, a alma anseia pela completude.

Quanto mais navegamos na fantasia das certezas, conseqüentemente, adentramos na fantasia do controle – pois se temos todas as respostas, temos o “gabarito” para controlar a vida, nada fora dessas respostas (gabarito) pode ter vida, vir a luz. Todas as reações devem seguir um *script* predeterminado – para todos, sem considerar as individualidades que compõem a diversidade. O que não estiver em conformidade com os manuais de certezas, está fora do padrão esperado, é patologia. Essa fantasia denuncia a insegurança com relação à dúvida, ao mistério, a não linearidade da vida. A submissão ao “Pai” exige um não saber sobre o vir a ser; exige um comprometimento do *Ego*, em concordância com a alma, sobre o destino individual que está sob o véu da complexidade da vida.

Com ênfase, oramos como se fôssemos zumbis, sem entrar em contato com o sentido sagrado que vem por meio da prece – que seja desta “pequena” frase, cujo simbolismo quer falar muito da alma e com a alma. Esvaziamos de sentido a oração. Ou melhor, o nosso vazio existencial deixou a frase árida, seca, estéril. O *Ego* reza, mas não aceita os ditames e a dialética da vida.

Quando Carl Gustav Jung comenta que “Quem olha para fora sonha; quem olha para dentro lembra [...]” ele nos provoca a buscar no nosso âmago, dentre outras, essa imagem de Deus que em nós reside (Pai), para abrirmos diálogo voluntário com Ele, estreitarmos relações para buscarmos o sentido teleológico da nossa existência. Para isso há um imperativo da redenção do *Ego* a essa *Imago Dei*, bem como sua aliança e cumplicidade para com os seus projetos finalistas que guardam nosso destino.

A redenção e cumplicidade fazem com que a “pequena” parte da oração (Seja feita a **voossa** vontade) deixe de ser uma falácia e passe a ser um grito da alma, incondicional, sem controvérsia. Teremos dúvidas sobre os caminhos? Claro que sim! Mas a vida também acontece (e se acontece!) nas perguntas sem respostas, nos mistérios e através dos “Será?”, “E agora?”.